

GALEFFI, Dante Augusto.

O Ser-sendo da Filosofia: uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender filosofia. Salvador: EDUFBA, 2001, 583p.

O livro de Dante Augusto Galeffi, *O Ser-sendo da Filosofia: uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender filosofia*, é uma obra que requer do leitor uma disposição radical para o encontro com o *inusitado*, pois, ao longo de suas 583 páginas, distribuídas em sete capítulos e dezesseis *figuras diagramáticas*, seu autor intenciona desenvolver uma pedagogia da *atitude aprendente*, no sentido de possibilitar um *fazer-aprender* Filosofia como uma construção humana plenamente realizável.

Jilvania Lima dos Santos
Mestranda em Educação — UFBA

O objetivo primacial desse livro é o como *fazer-aprender* filosofia enquanto *atitude*, e a pedagogia é compreendida como suprema Ciência do Espírito. A partir dessa compreensão, é inviável se mensurar, com mãos apressadas e calculistas, olhos cerrados, mente obtusa e coração amargo, os fenômenos que envolvem todos os processos da Educação, seja ela formal ou não-formal.

Em seu texto, as vozes do tempo reúnem-se na abrangência de uma humanidade salvaguardadora de sua própria divindade vigilante, e a *vida-instante* quer polijectar a condição humana planetária. Abre-se diante de nós a possibilidade de um novo *eon*: seres humanos mais altivos, mais vivos e amorosamente dispostos a acolher o outro (o outro de si e o outro dos outros).

Por ser a preocupação com o *como se fazer-aprender filosofia*, o *filio de Ariadne* desse livro é “o *quê*” da Filosofia. Para isto, *O Ser-sendo* foi dividido em duas partes: uma primeira sobre o *fundamento e a concepção filosófica*, e uma segunda sobre a *proposta institucional, o modelo metodológico e a práxis pedagógica*. Desse modo, na primeira parte do livro, o autor apresenta quatro capítulos, que, segundo ele, constituem-se em solo, horizonte e fundamento operante do que se apresenta na segunda parte, como *proposta institucional e modelo metodológico mediador para o fazer-aprender Filosofia*.

- o primeiro capítulo: trata-se de questões de ordem metodológica, buscando delimitar o ponto de *partida epistemoló-*

gico. Nele, a proposta apresentada se dá por meio de uma localização transcendental, correspondente à radicalidade originante que perpassa todo o percurso do seu texto. Para tanto, é apresentado, também, um conceito tradicional de Filosofia a partir de Aristóteles, como uma apropriação interpretada do “quê” da filosofia tradicional para sustentar a superação da sua possibilidade epocal. Mostra-se, ainda, nesse capítulo, a perspectiva de compreensão filosófica tomada como fundamento do discurso, bem como o seu plano criterioso ou trama semântica, e o âmbito de uma Ciência do Espírito autônoma e inventiva;

- o segundo capítulo: interroga-se sobre *o que é isto a Filosofia?*, mas não se configura num tratado da História da Filosofia, apesar do autor ter percorrido, essencialmente, uma trajetória historial. Neste sentido, nessa investida sobre “o quê” da Filosofia, apesar de exaustiva, não há uma linearidade e esgotamento do assunto, até porque, segundo o próprio autor, *a montanha escalada se mostrou muito mais íngreme e escarpada do que o imaginado por ele, e o caminho percorrido muito mais surpreendente e espantoso*. Através de uma atitude interrogante, é estabelecido um diálogo com Descartes, Hegel, Marx, Nietzsche, entre outros, como ação criadora e aberta às possibilidades sempre inesperadas do acabamento humano;

- o terceiro capítulo: nele, Galeffi dialoga com Heidegger e Nietzsche, objetivando elucidar a expressão guia da proposta intitulada *uma compreensão poemático-pedagógica*. Do primeiro, ele acolhe o rigor de uma analítica que ousa recolocar o pensar na mesma altitude do poeta, sem perder de vista o *velamento protetor*; do segundo, destaca o vigor de um pensar que se projeta para além do homem, numa extraordinária dança virtuosa diante do que *nunca tem o caso*. Por conta disso, ele analisa a compreensão como interpretação, como circunvisão interpretada e como sentido. É, também, nesse capítulo que se prenuncia o desenho metodológico para o *como se pode fazer-aprender Filosofia*, i. é., *uma pedagogia do humano e para o homem: utopia plenamente realizável*;

- o quarto capítulo: intitulado *síntese polilógica do percurso gerativo empreendido*, segundo seu autor, brotou como fonte que germina lentamente do solo rochoso da montanha. De repente, na sua compreensão poemático-pedagógica, esse capítulo ganha o mundo lançando-se das alturas: vigor de cachoeira. Trata-se de

um acolhimento de vozes, aparentemente, díspares, ou melhor, é uma polifonia, uma reunião de vozes distintas, como: Merleau-Ponty, Heidegger, Husserl, Ricoeur, Eco, Sartre, Wittgenstein, Peirce, Geertz, Kant, Aristóteles, Nietzsche, Marx, Greimas / Fontanille, Vattimo, Pierre Lévy, Rorty, Dewey, Pareyson, William James, Kandinsky, Carneiro Leão, Habermas, Castoriadis etc. Como reunião, essas vozes se harmonizam em uma peça sinfônica, isto é, em um dizer polilógico e gerativo, porque o que se pretende é o desenvolvimento de uma atitude sempre nova, sempre serena jovial, sempre aprendente. É um fazer inventivo onde tudo faz sentido na convergência do encontro das diferenças.

Já na segunda parte, o texto procura responder pelo *como* a Filosofia *pode* ser oferecida como disciplina curricular, num esforço de construção de um instrumento metodológico que possa servir de referência para a realização de uma nova *Paidéia Filosófica*. Esse texto, embora tratando, especificamente, do campo de formação do professor de Filosofia, redimensiona toda a ambiência de formação das licenciaturas em geral, no sentido de que o foco de cuidado e de investigação, não é o *ensino*, mas a *aprendizagem*. Não há, nessa abordagem poemático-pedagógica, centralidade no ensino – se entendido dentro da perspectiva já institucionalizada historicamente, onde o professor ensina o que o aluno não sabe –, mas a atenção é voltada para os processos de *aprendizagens significativas/ interacionais*. Além disso, nessa abordagem, todo professor, independente da sua área de atuação, é concebido como um *educador-filósofo*, ou seja, ele cria condições para o outro aprender. Porque é, antes de tudo, um *pensador* no mais radical sentido do termo. Assim:

- o quinto capítulo: o texto apresenta a intenção pragmática da proposta educacional poemático-pedagógica, além de descrevê-la, planeja o percurso a ser construído e representa-o através de *figuras diagramáticas*, que aparecem no final do livro, com o objetivo, segundo o autor, de ilustrar a complexa rede de inter-relações que estruturam e delimitam a concretização da ação pedagógica visada;

- o sexto capítulo: discorre sobre a proposta institucional, apresentando uma determinada solução para o *como fazer-aprender filosofia*, e isto a partir da própria instituição de ensino superi-

or. Neste sentido, para Dante Galeffi, cabe à produção universitária construir uma ciência do homem para o homem, para a qual devem contribuir todas as inteligências inventivas do planeta. Além disso, esse autor constrói um *modelo metodológico mediador para o fazer-aprender Filosofia*, apresentando-a como *Aprender a Ser*, onde o *aprender* é a mola mestra de todo o projeto e processo objetivados;

- o sétimo, e último capítulo: dedica-se à experiência pedagógica, e configura o sentido dessa experiência como atitude aprendente, onde o filosofar abre-se como campo de múltiplas possibilidades: torna-se invenção poemático-pedagógica instantânea. E, numa nítida alusão às categorias da semiótica de Peirce, constrói estratégias diversificadas para avaliar a dimensão efetiva de um fazer pedagógico chamado de revolucionário. Também, nesse capítulo, é apresentada uma reflexão acerca da dialética *descendente-ascendente*, no sentido de uma prática pedagógica realizada no decorrer de um processo de longo alcance.

Além de se oferecer aos leitores como alimento para o espírito — abertura que realiza passagens, pontes, para o advento do ser humano livre —, este texto se mostra como uma possibilidade de revolução cultural em nosso meio, onde a ciência humana desvincula-se dos princípios metodológicos das ciências naturais, e é concebida como uma ciência autônoma, uma *ciência do homem para o homem*, onde a vida, que une no mesmo *um* todo o universo na sua *pluridiversidade* desconhecida, é privilegiada.

Neste sentido, compreendemos, a partir dele, que o importante é cultivar o acontecimento das metamorfoses do espírito, isto requer, segundo Galeffi, aprendizado — novos modos e possibilidades do *ente-espécie* humanidade tornar-se curador de seu próprio cosmos em expansão e recolhimento. É nesta perspectiva que *O Ser-sendo da Filosofia* se oferece: invenção de uma obra que é alimento da vida do espírito, que acolhe a possibilidade de uma revolução cultural *poemático-pedagógica*. Por isso, a Filosofia é compreendida como diálogo que nos convoca ao conhecimento do nosso *ser-mundo*, pela escuta atenta e interrogante do dito e do dizer, do compreendido e do compreender; ela é, para esse autor, antes de qualquer coisa, um *pôr-se a caminho do Saber que nos abre toda a possibilidade de partilhar da conjuntura do Simples*. Isto é, nos abre para a compreensão complexa e conseqüente dos even-

tos em que cada um é agente-agido do processo do seu próprio *ser-no-mundo-com*, e onde a responsabilidade é uma aquisição da consciência de ser autônomo e inventivo — gerador ativo de fatos e casos, protagonista-participante da história social, a partir de suas próprias condições circunstanciais e contextuais.

O presente livro, aqui sumariamente apresentado, além de fazer um recorte da história da filosofia, daí sua validade para esse campo, é uma excelente contribuição para a formação específica do professor de Filosofia, com a sua proposta de Programa Unificado, onde se trabalha as dimensões do *Aprender a Ser: aprender a ver/ler* (Ontologia); *aprender a pensar* (Gnosiologia); *aprender a falar* e *aprender a viver junto* (Ética); *aprender a escrever/aprender a fazer* (Lógica). E mais do que isso, na nossa compreensão, é uma obra de Filosofia da Educação, pela sua proposta emergente e contextualizada para a formação de todos os educadores em geral.

Assim, este texto, a nosso ver, participa do advento de uma nova *Paidéia Filosófica*, resgatando para a filosofia a sua articulação *cosmoética* radical: acontecimento de uma outra floração epocal, que recolhe em si o vigor do *ser-livre* — silêncio de todo querer, todo possuir, todo desejar, todo pensar: atividade ativa de um *ser-sendo* curador de seu próprio dom poemático de metamorfosear o acontecimento sempre novo, sempre o mesmo do *sentido-humano-além-homem*. Envolve-se, portanto, na jardinagem de novas paisagens existenciais, paisagens propiciadoras do surgimento do livre. Pratica um filosofar para além da Filosofia, como tal, um acontecimento que ultrapassa qualquer dos limites pensáveis por nossa imaginação pretensamente criadora. Por tudo isso, às vezes, o leitor, na relação com o texto, poderá — do ponto de vista metafórico — peregrinar por vales, subindo e descendo suas montanhas. Já que ele é convocado, desde as primeiras páginas de *O Ser-sendo da Filosofia*, a assumir as suas próprias interpretações e decisões na trama dialógica da vida que é, sempre, sendo.